



## UM PERCURSO PELO MANIQUEÍSMO, CETICISMO E NEOPLATONISMO ATRAVÉS DA ÓTICA DE SANTO AGOSTINHO

Nestor Vieira de Melo Neto<sup>1</sup>

### Resumo

O pensamento de Santo Agostinho além de contribuir para muitos pensadores posteriores ao seu tempo, foi também muito influenciado por escolas filosóficas existentes em sua época. Desse modo, quer seja pelo contexto que o mesmo viveu, quer seja pelos variados autores e pensadores que o precederam em diversas abordagens acerca do pensamento humano e de sua relação com a natureza, cosmos ou com o divino, vê-se a presença ou a marca agostiniana registrada. Inicialmente deve-se entender, não somente as ideias externas que influenciaram o pensamento de Agostinho, mas levar em consideração o contexto no qual o mesmo viveu e deixou em sua trajetória não só acadêmica ou espiritual, mas também pessoal, onde se percebe as importantes marcas que fazem do mesmo, não só um autor citado no âmbito teológico, mas também filosófico, bem como considerado um dos responsáveis pela formação do pensamento em todo o ocidente. Desta forma, Santo Agostinho, antes de tornar-se o conhecido nestas esferas de conhecimento filosófico e teológico, bem como no âmbito cristão, passou por inúmeras experiências com as várias ideias e pensamentos de sua época, sobretudo os que lhe antecederam, onde é importante salientar, que o contato junto ao maniqueísmo, ceticismo e neoplatonismo, apesar de muito difundidas no tempo de Agostinho, apresentaram inúmeras contradições para o referido Autor, que eram incompatíveis com a Verdade que havia se lançado na missão de encontrar.

**Palavras-Chave:** Teologia da Libertação. Opção pelos pobres. América Latina.

### INTRODUÇÃO

Na época de Agostinho, a formação se dava de forma que havia o cumprimento de disciplinas específicas, que posteriormente seriam conhecidas como artes liberais, que serviram de base para o conhecimento medieval, sendo

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2019), onde apresentou a monografia intitulada: O Livre-arbítrio em Santo Agostinho. Foi Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no período de outubro/2016 a fevereiro/2018. Foi Bolsista do Programa de Residência Pedagógica - RESPED no período de agosto/2018 a julho/2019. É membro pesquisador do Grupo de Estudos em Filosofia Medieval - GEFIM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na linha de pesquisa sobre Fé e Razão. Suas áreas de interesse são: História da Filosofia Medieval, com ênfase na Patrística e em Santo Agostinho, e na teologia e magistério de Joseph Ratzinger-Bento XVI.



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

elas organizadas entre o *trivium* que era formado pelos estudos em gramática, retórica e dialética e o *quadrivium* composto pela aritmética, geometria, música e astronomia.

Após o cumprimento deste “currículo escolar”, Agostinho inicia aquele que será chamado de “percurso espiritual-intelectual” do filósofo, que constará da passagem do mesmo dentro do Maniqueísmo, que fora uma seita de grande relevância no contexto sob o qual Agostinho vivera, tendo inúmeros adeptos e seguidores, de forma que, era bastante conhecida e difundida na época de Agostinho, fazendo-o conseqüentemente integrar-se em sua busca por soluções às suas dúvidas

Após sua saída do Maniqueísmo, o Ceticismo, é a corrente de pensamento que Agostinho decide ir em busca de respostas a muitas de suas dúvidas, que embora não fossem todas de sua busca pessoal, foram adicionadas ao seu grande corpo de questões. Não obstante a isso, o filósofo ainda terá como objeto de passagem a corrente de pensamento intitulada de Neoplatonismo, através de seu contato com o bispo Ambrósio de Milão.

Cumprindo este itinerário intelectual, Agostinho vê-se tocado de forma cada vez mais forte, a adentrar na busca da verdade, que foi o grande alvo de toda a sua vida, embora para encontrá-la, tenha feito um percurso, com paradas em várias doutrinas, até chegar naquilo que pôde considerar como a Verdade.

Este itinerário onde Agostinho passará, terá culminância em sua conversão ao catolicismo, de modo que, este caminho por ele trilhado revelará as fortes influências por ele recebidas e que serão motivo de discussão e produção de suas obras num momento posterior de sua vida, pois a sua produção escrita, se dará justamente após sua conversão.



## 1 MANIQUEÍSMO

Aos dezenove anos, Agostinho entra em contato com o maniqueísmo, e mesmo sendo muito jovem, não hesitou em buscar nesta fonte, respostas a tantas inquietações que outrora surgiram e o acompanhavam por muito tempo.

O maniqueísmo foi uma seita gnóstica fundada por Mani, que buscava mostrar com explicação racional vários elementos, como Deus, o cosmos, etc. E isso causou bastante curiosidade e atração ao jovem filósofo. O maniqueísmo, mostrava uma visão da alma, do mundo e de Deus sob uma ótica materialista.

O pensamento maniqueu se firmava na existência de dois princípios ontológicos e co-eternos: Bem e Mal, onde o primeiro correspondia a luz e o segundo as trevas ou a matéria. Com a existência desses dois princípios, a doutrina de Mani causou forte impacto na sociedade daquele tempo, afinal era para o jovem Agostinho, uma maneira de talvez conseguir encontrar a verdade, que desde muito jovem, se lançara no intuito de encontrar.

Agostinho é oriundo de uma família cuja mãe, Mônica, possuía grande piedade cristã, e foi através dela que ele recebeu os primeiros ensinamentos da fé católica, ensinamentos estes que falariam de Deus e dos santos, tanto porque são assuntos comumente tratados, antes de qualquer fundamentação mais sólida, quanto são pilares para a fé em Cristo.

Os ensinamentos vindos de sua mãe fizeram com que Agostinho, desde muito cedo, imaginasse a ideia de Deus que os cristãos seguiam e proclamavam. Entretanto, ao obter contato com os ensinamentos maniqueus, Agostinho percebeu que algumas partes desta doutrina de Mani, eram parecidas ou até mesmo advindas do próprio cristianismo, embora fosse óbvio em algumas partes a diferença existente entre os dois credos, pois,



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

apesar de parecer ser de natureza espiritual, ou ser assemelhado ao Deus do cristianismo, o deus do maniqueísmo é totalmente diferente. Primeiro, ele é de natureza física, um ser corpóreo, que ocupa espaço, embora não tenha uma forma humana, finita e limitada, mas infinito e ilimitado. [...] (COSTA, 2003, p. 44).

Ainda sobre o maniqueísmo, alguns outros elementos presentes nesta seita, fizeram com que Agostinho se mantivesse nela e assim, colocasse nessa doutrina muita esperança. Além do aspecto próprio de dualidade que a religião de Mani possuía, ou seja, a existência do Bem e do Mal, existia ainda o aspecto próprio pelo qual Agostinho se fixara tanto nesta seita, que foi justamente o problema do mal.

Esta temática do mal foi algo muito propício para que Agostinho pudesse adentrar justamente no maniqueísmo com todo afinco. Afinal, muitas perguntas rodeavam sua mente, como por exemplo: se tudo que Deus criou é bom, porque existe o mal? Seria Deus então, o criador do mal? Perguntas como estas rodearam muito o pensamento do jovem Agostinho, que “chegou a ponto de acreditar que Deus podia ser afetado pelo mal.” (EVANS, 1995, p. 31). Diante de tais questionamentos é bem verdade que Agostinho se vê com um grave problema, pois o que foi criado “[...] era muito bom. [...]” (GÊNESIS, 1, 31) então como podia Deus ser o autor do mal?

Apesar, claramente, do jovem filósofo se encontrar imerso na doutrina maniqueia, ele sentia restar em si resquícios dos ensinamentos que outrora havia deixado para trás, ensinamentos esses frutos da doutrina cristã. Nisto, Agostinho buscou de várias maneiras entender essa problemática que há tempos o perseguia em busca de respostas e “[...] tentou todos os meios que sua sagacidade podia arquitetar para evitar a conclusão de que podia ser ele próprio a fonte do mal [...]” (EVANS, 1995, p. 31). No entanto, apesar de todo o esforço investido na busca de soluções para tal problemática, o futuro Bispo de Hipona percebeu que não encontrava resposta à sua inquietação.

O Maniqueísmo, diferentemente do que Agostinho inquietamente duvidava, acreditava que o homem não tinha culpa em cometer o mal, pois este, como



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

princípio, estava presente nele. O Hiponense, embora estivesse inerte nestes ensinamentos maniqueus, não consegue dissociar a culpa do mal ao ser humano, pois nas linhas da obra sobre “*O Livre-arbítrio*”, é contra esta sentença que o Autor irá discorrer o seu pensamento sobre a questão.

Pelo tempo passado junto aos maniqueus, Agostinho percebeu que até mesmo o esquema deles “[...] parecia combinar as vantagens da explicação cristã com as vantagens da explicação dos filósofos [...]” (EVANS, 1995, p. 31), embora não tenha até o momento, obtido resultado para aquilo que procurava.

É óbvio que, ante esta busca de uma resolução que pudesse sanar essa problemática, Agostinho ansiava encontrar com aquele que no momento representava o maniqueísmo, que era o bispo Fausto. Após tanta espera, chega o tão aguardado encontro com Fausto e sobre este importante episódio com o referido bispo, apesar de que:

[...] Santo Agostinho o admirava por sua fama de eloquência e oratória, porém, até então, nunca tinha tido a oportunidade de dialogar com o mesmo. Quando, enfim, pôde debater rapidamente com Fausto, apresentando-lhes suas dúvidas, decepcionou-se. O referido Bispo maniqueu serenamente afirmou não ter tais respostas e reconheceu sua ignorância perante as dificuldades apresentadas pelo jovem Agostinho. Este foi, portanto, o fator chave para o afastamento de Agostinho do maniqueísmo. [...] (PEREIRA JUNIOR, 2017, p. 63)

O contato de Agostinho na seita maniqueia durou cerca de nove anos, sendo um tempo que causou nele fortes impressões, tanto para ver as reais intenções desta crença, quanto para entender que a verdade por ele buscada ainda não havia sido encontrada entre os adeptos de Mani.

É evidente que, o maniqueísmo deixou profundas marcas na vida e na história de Santo Agostinho. É bem verdade que, apesar de tantos erros contidos na doutrina de Mani, a mesma serviu de ponte para que Agostinho pudesse ir além dos muros das crenças e dos ensinamentos do maniqueísmo.



#### **ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

Com este contato junto aos maniqueus, Agostinho passa posteriormente por uma experiência própria no cristianismo, de buscar e tentar encontrar uma solução ao problema do mal, e com isso, seguir seu itinerário em busca não somente de respostas, conceitos ou ideias mais adequadas às suas indagações, mas em busca da verdade em si mesma. Entretanto, enquanto não a encontra, seu percurso ainda não terá fim, pois em outras correntes terá contato e convívio, como no ceticismo e posteriormente no neoplatonismo.

## **2 O CETICISMO**

Agostinho após seu encontro frustrante com Fausto, o bispo maniqueu, o que resultou na sua saída desta seita, dá prosseguimento à sua trajetória na busca de respostas às suas inquietações e também na busca da verdade.

Chega então Agostinho na cidade de Milão, para lecionar retórica e lá entra em contato com a filosofia promovida e difundida pelo ceticismo e sobre este contato, o jovem Filósofo de Tagaste diz:

Ocorreu-me ao pensamento ter havido uns filósofos chamados Acadêmicos, mais prudentes do que os outros porque julgavam que de tudo se havia de duvidar, e sustentavam que nada de verdadeiro podia ser compreendido pelo homem. Ao meu espírito, que ainda não entendia tal doutrina, parecia que tinham raciocinado com esperteza, como vulgarmente se julgava. [...] (AGOSTINHO, 1999, p. 137).

É importante salientar que, o ceticismo na época de Agostinho se apresentava como a “[...] a tese de que é impossível decidir sobre a verdade ou a falsidade de uma proposição qualquer.” (ABBAGNANO, 2015, p. 151). Ora, naquele período vivido por Agostinho, rodeado por inúmeras correntes de pensamento, a dúvida cética pareceu para ele uma importante maneira para se fixar e a partir dela, continuar no seu itinerário em busca da verdade.



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

O ceticismo foi de grande importância para este itinerário espiritual-intelectual de Agostinho, pois, após sua conversão é que ele irá dedicar sua primeira obra, conhecida como “*Contra os Acadêmicos*”, como forma de refutar muitas ideias nascidas e promovidas do ceticismo, das quais Agostinho com propriedade conheceu.

O ceticismo possuiu, no tempo do Hiponense, uma forma diferente de duvidar ou questionar, pois considerava a existência da verdade, no entanto, devido a fraqueza sensível do homem, este não conseguiria jamais alcançá-la ou achá-la e daí, portanto, a busca por ela, se tornasse perene por cada homem que assim, desejasse ir ao seu encontro.

Diante dessa possibilidade, o futuro Bispo de Hipona aderindo ao ceticismo, como mais uma tentativa de nele conseguir encontrar aquilo que tanto buscava, relatou que,

[...] assim, duvidando de tudo, à maneira dos Acadêmicos – como os julga a opinião mais seguida – e, flutuando entre todas as doutrinas, determinei abandonar os maniqueístas, parecendo-me que não devia, nesta crise de dúvida, permanecer naquela seita à qual já antepunha alguns filósofos. [...] (AGOSTINHO, 1999, p. 142)

O jovem Filósofo ao relatar que duvidava à maneira cética, embora nunca tenha pertencido totalmente a esta, detinha para si, essas inquietações ou até mesmo, o resultado delas em sua vida, onde pôde encontrar no ceticismo este breve “descanso” para tanta labuta em perguntas que até então não possuíam respostas convincentes para o anseio de Agostinho, que a esta altura “vai parar no ceticismo da Nova Academia. Parece uma saída desesperada, já que os problemas de ordem moral e filosófica continuavam sem solução.” (ROCHA, 1989, p. 29). O contato de Agostinho junto ao ceticismo, fez com que, o mesmo se defrontasse com a maneira cética de pensar e de nada considerar verdadeiro, ou seja, da impossibilidade de se conhecer a verdade.



I SEMANA NACIONAL DE  
**TEOLOGIA, FILOSOFIA E  
ESTUDOS DE RELIGIÃO**  
I COLÓQUIO FILOSÓFICO:  
Filosofia e Religião



**Religião em Movimento:**  
Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

240

É perceptível que Agostinho sente em si, os efeitos de levar consigo as marcas da fé cristã que, desde Mônica, lhe são muito fortes e, devido a isso, mesmo colocando tudo a dúvida, a maneira cética de pensar nunca será atingida em sua plenitude por Agostinho. Com este “impedimento” existente, será a passagem de Agostinho pelo ceticismo um acontecimento de forma temporária, afinal, este pensamento filosófico não continha a presença da verdade que, desde outrora, procurava.

Esta passagem, apesar de rápida, foi justamente o necessário para que o futuro Bispo, pudesse conhecer a fundo o ensinamento cético, onde em momento posterior, em forma de refutação, se mostrar contra este pensamento que, além de deixar muitas brechas para erros possíveis, não possuía ainda aquilo que ele procurava.

A verdade que Agostinho encontrará em momento posterior, revelada às luzes dos ensinamentos cristãos, oriundos da presença materna desde sua mais tenra infância, mostrará a ele que, justamente esta verdade cristã propriamente dita, irá corresponder ao nome de Deus, de Cristo.

Para o então mestre de retórica, seu entender baseia-se que a busca da verdade tem seu destino em Cristo e fora de Cristo, não se tem a verdade, pois reforça ao dizer num sentido amplo que, “[...] nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós. [...]” (AGOSTINHO, 1999, p. 37). Diante disso, Agostinho reconhece que o pensamento e viver do homem possuem início e fim em Cristo e somente nele, há as respostas para suas dúvidas.

O ceticismo, embora concebesse a existência da verdade que não podia ser alcançada em sua plenitude pelo homem, muito valerá para Agostinho a respeito do livre-arbítrio, no que se refere a busca pelos bens maiores e afastamento dos bens menores. Esta ideia de busca que muito acompanha o Autor, é sempre presente em seus escritos, mas sobretudo pela influência que ele recebeu com a passagem por estas ideias e conceitos que trazem consigo o ideal de busca, de procura, de alcance e de encontro com a Verdade.





### 3 NEOPLATONISMO

No que diz respeito ao contato de Agostinho com as várias ideias e pensamentos, sobretudo os que lhe antecederam, é importante salientar as influências recebidas não somente do maniqueísmo e do ceticismo, mas também do neoplatonismo, principalmente de um dos seus maiores expoentes que foi Plotino.

Sobre o neoplatonismo, além de ter sido uma linha de pensamento muito conhecida e difundida, sobretudo no período pós-helenístico, a mesma também foi uma “escola filosófica fundada em Alexandria por Amônio Saccas no século II d.C. [...]” (ABBAGNANO, 2015, p. 826). Esta escola de pensamento, como o próprio nome diz, é enraizada no pensamento de Platão. O verbete presente no dicionário, ao explicar as ideias contidas nesta escola, diz que,

[...] o neoplatonismo é uma escolástica, ou seja, a utilização da filosofia platônica (filtrada através do neopitagorismo, do platonismo médio e de Fílon) para a defesa de verdades religiosas reveladas ao homem ab antiquo e que podiam ser redescobertas na intimidade da consciência. [...]. (ABBAGNANO, 2015, p. 826)

O neoplatonismo, embora tivesse um caráter aparentemente religioso, detinha em si características propriamente filosóficas que servirão de auxílio para Santo Agostinho no tratamento de diversas questões de âmbito humano e no que diz respeito ao estudo e abordagem de assuntos e temáticas divinas, do qual foi importante expoente.

Santo Agostinho, conforme foi exposto nas linhas anteriores, teve contato com várias fontes, pensadores e ideias, porém, com efeito,

[...] em se tratando dos neoplatônicos, Plotino decerto foi o que mais marcou o pensamento de Agostinho. O neoplatonismo plotiniano teve um efeito marcante e até tranquilizador no espírito ávido de Agostinho. Foi por meio deste, que a sua mente, ainda deveras embaraçada pelo materialismo maniqueu, pôde enfim, vislumbrar um pequeno rasgo de luz que se lhe abria em seu intelecto, devolvendo-



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

lhe a esperança quase que perdida no ceticismo, de um dia poder alcançar a Verdade que tanto o inquietou. [...] (PEREIRA JÚNIOR, 2017, p. 78)

O então professor, com sua saída destas correntes pelas quais se fez presente na busca por respostas, encontra-se em Milão, devido ter assumido a cadeira de retórica. Nesta mesma cidade, obtém contato com as palavras e discursos do Bispo Ambrósio. Após este contato, Agostinho será influenciado não somente nos ensinamentos deixados por Plotino dentro do neoplatonismo, mas também culminará em sua conversão ao catolicismo.

O contato de Agostinho com o referido Bispo se deu, inicialmente, através da escuta de seus sermões e depois através de conversas, que causaram forte instigação no então professor. Nisto é claro observar e salientar que, os ensinamentos neoplatônicos também estavam aí inseridos, ao passo que, o contato do futuro Bispo de Hipona resultou num forte estreitamento com Plotino e suas ideias.

O pensamento de Plotino por sua vez, se dá principalmente na concepção do Uno e das demais hipóstases provindas do mesmo. Essa organização deve-se muito ao seu discípulo Porfírio, que compilou as ideias e pensamentos de seu mestre, em cinquenta e quatro tratados, elencados em seis grupos de nove, ou seja, as Enéadas. Sobre isso, sabe-se que, “[...] a distribuição segue um encadeamento lógico que aponta para uma certa intencionalidade na ordenação dos tratados. [...]” (BEZERRA, 2006, p. 61). O Uno, do qual se fala nas Enéadas, é a primeira hipóstase, ou seja, substância, do qual as demais são oriundas.

Essa primeira, também chamada de Uno-Bem, é aquela que está acima de todas as coisas e que mantém a unidade, que é infinito, além disso, ele é a “[...] atividade auto-produtora, absoluta liberdade criadora, causa de si mesmo, aquilo que existe em si e para si. [...]” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 341). Existindo então o Uno, há outras Hipóstases derivadas dele, sendo o Nous, Espírito ou ainda a inteligência, que dá sequência a essa derivação.



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

Essa Hipóstase é caracterizada como aquela que pensa de forma total os inteligíveis e o processo no qual o Nous, deriva da primeira substância que é o Uno, ocorre de maneira que,

[...] a atividade que procede do Uno é como uma potência informe (uma espécie de 'matéria inteligível') que para subsistir, deve a) voltar-se para a 'contemplação' do princípio do qual derivou e fecundar-se ou preencher-se dele, e depois, b) deve voltar-se para si mesma e contemplar-se, plena e fecunda. a) No primeiro momento nasce o ser ou a substância ou o conteúdo do pensamento; b) no segundo momento o pensamento propriamente dito. E assim nasce também a multiplicidade (dualidade) de pensamento e pensado, bem como a multiplicidade no pensado, dado que o Espírito, quando se olha fecundado pelo Uno, vê em si a 'totalidade das coisas.' [...] (REALE; ANTISERI, 1990, p. 343).

Não obstante ao que se refere as Hipóstases do Uno e do Nous, há ainda uma terceira substância que é a Alma e esta tem seu processo idêntico ao explicado nas linhas anteriores. A Alma por sua vez é caracterizada como sendo a substância que "[...] não consiste no puro pensar (senão, não se distinguiria do Espírito), mas sim no dar vida a todas as outras coisas que existem, ou seja, a todas as coisas sensíveis. [...]" (REALE; ANTISERI, 1990, p. 344). Desta forma, a Alma é a responsável por dar vida aos seres e coisas sensíveis e animadas.

Diante do que foi abordado, se tem a explicação do Uno e as demais hipóstases que dele se derivam, vê-se que em cada uma delas, há a criação de uma espécie de substância, da qual ao contemplar-se em si e para si, gera outra, que apesar de diferente, por estar se afastando cada vez mais do Bem, devido ao processo que se deriva, ainda possui resquícios próprios da primeira substância.

Plotino entende que a primeira substância está em tudo e que tudo está nela, embora não seja correto afirmar que, tudo seja ela, afinal, mesmo a substância estando em tudo, ela permanece de forma transcendente ante toda a realidade criada e emanada dela.



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

Além do processo de emanção desde o Uno até a Alma, em Plotino também se conhece o processo por assim dizer reverso. Neste processo contrariamente ao que foi explicitado até então, a terceira Hipóstase faz um caminho de retorno a primeira, através de um termo, muito usado por Agostinho, bem como por todo o cristianismo, que é a conversão.

Esta conversão se dá através da ascese, pois estando a Alma presa ao corpo, a mesma está sujeita ao desregrado das paixões, do mundo sensível e com isso, fica impura. Já possuindo então, resquícios da purificação do Uno, ela pode se unir a ele no mundo inteligível. Este processo ou

[...] essa purificação (*καθαρσις*) ascética se dá mediante a prática das virtudes gregas, denominadas civis (*πολιτικαιαρεται*) - prudência, temperança, justiça e fortaleza - e catárticas (*καθαρτικαι*), as mesmas cívicas, porém, com uma vivência mais íntima e profunda [...] (PEREIRA JÚNIOR, 2017, p. 86).

Com estes processos de emanção e conversão, Plotino mostra a complexidade que existe no seu sistema metafísico-transcendente, ao passo que, por este sistema, é possível entender não somente a explicação do inteligível, mas a formação do sensível, de modo que, Agostinho através dos ensinamentos do Bispo Ambrósio pôde compreender estes aspectos, não somente sob a visão plotiniana, mas agora sob a ótica cristã.

Um desses aspectos, é justamente o tratamento que o futuro Bispo de Hipona dará a algumas questões, como a graça divina, a explicação da criação ou até mesmo do problema do mal, de maneira que, poderá se ver a influência destas explanações, mas agora com resoluções cristãs.

Neste contato junto ao neoplatonismo, o Hiponense, embora tenha se influenciado do pensamento plotiniano, ainda sentia que suas dúvidas ou questionamentos não haviam sido solucionadas, embora que, diante do exposto, seja possível perceber que, dentre esse caminho intelectual feito pelo futuro Bispo



#### **ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

de Hipona, este último aspecto abordado, o tenha sido mais completo do ponto de vista conceitual.

Não obstante a isso, o contato com o Bispo de Milão compreendeu, que a verdade por ele procurada, estava justamente em algo mais além do que até então havia pensado que pudesse estar nesta sua caminhada intelectual. Obviamente que as marcas do neoplatonismo nas palavras do Bispo Ambrósio haviam chamado a atenção, no entanto, algo ecoava mais fortemente e então, Agostinho vê que Cristo e seus ensinamentos serão de fato, a verdade que há tanto tempo havia se colocado a encontrar.

Diante disso e com a forte influência de sua criação materna, se converte ao cristianismo no ano de 386 d. C., e daí com o apoio de sua mãe e alguns amigos, juntamente com o Bispo Ambrósio, consegue fazer seu novo itinerário, sob a luz cristã. Nesta questão, a influência do neoplatonismo será de suma importância ao falar sobre o conhecido problema do mal, que é explicado como o afastamento do bem, de forma que segue a mesma lógica e raciocínio que as hipóstases que se afastam do *Nous*.

#### **CONCLUSÕES**

No decurso deste trabalho, foi apresentado o itinerário espiritual-intelectual feito por Agostinho que caminhou entre seitas religiosas até correntes de pensamento filosófico. A esse respeito, nesta pesquisa consta a passagem do filósofo no Maniqueísmo, Ceticismo e Neoplatonismo, sendo este período de busca constante de Agostinho, culminado com a sua conversão à fé católica.

Agostinho é um autor que marcou não somente a época em que viveu, mas toda a trajetória da produção filosófica e teológica. Sua contribuição, ultrapassa não somente os limites geográficos, mas de tempo e história, sendo conhecido, estudado e citado até os dias atuais, sendo verdadeiramente um norte no pensamento e na formação do homem.



**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

Algumas considerações devem ser evidenciadas, como é a respeito da necessidade do homem não se fechar a uma única esfera de conhecimento ou assunto, mas se ater em tudo, de forma que sua visão seja ampla e voltada a contribuir a sociedade. Isto se torna exemplar no pensamento agostiniano, a partir da trajetória espiritual-intelectual nas várias correntes de pensamento e seitas religiosas pelas quais o autor passou.

Além disso, a importância que Agostinho possui dentre a grande lista de autores e pensadores da filosofia e teologia, de dá e se reconhece através de seu itinerário espiritual-intelectual, que se deu a partir do contato com o pensamento de Mani, do Ceticismo e do Neoplatonismo.

Deste modo, estes assuntos tão caros a sociedade contemporânea, são debatidos sempre com o peso importante da ótica agostiniana, como aquela que viveu, aquela que transcreveu o que foi vivido e debatido e como aquela que conseguiu ultrapassar os limites do tempo e da história, não só da Filosofia, mas do homem.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1999.

BEZERRA, Cícero Cunha. **Compreender Plotino e Proclo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo**: História, filosofia e religião. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

EVANS, G. R. **Agostinho sobre o Mal**. São Paulo: Paulus, 1995.

PEREIRA JÚNIOR, Antonio. **A SUPERAÇÃO DA SUPERAÇÃO**: apropriação/superação da dúvida acadêmica na busca da verdade na filosofia da



I SEMANA NACIONAL DE  
TEOLOGIA, FILOSOFIA E  
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:  
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

**ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL**

247

interioridade de Santo Agostinho. 2017. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.

ROCHA. Frei Hylton Miranda. **Pelos caminhos de Santo Agostinho**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.